



FRAGMENTOS DE MEMÓRIAS E TEMPOS NA CONSTRUÇÃO DO DISCURSO BIOGRÁFICO

Felipe Pena

Jornalista e Doutor em Letras pela PUC-Rio

Diretor do NTA (Núcleo de Tecnologias Avançadas)

Professor de telejornalismo e sub-reitor da UNESA

1. Memórias

Lembro, logo existo. No ritmo alucinante da contemporaneidade, com mudanças aceleradas e dissolução de certezas e referenciais, recorrer à memória é mais do que uma compensação. É uma tentativa desesperada de encontrar alguma estabilidade diante da reordenação espacial e temporal do mundo. Lembrar é trazer de volta antigos modos de vida e experiências sociais. É tentar reviver momentos de coerência e estabilidade. Um conceito de memória com princípios epistemológicos anacrônicos, cuja crítica tentarei desenvolver neste artigo, em que a abordagem principal refere-se a uma forma de narrativa muito disseminada na atualidade: a biografia. Nosso objetivo é defender a hipótese de que as possíveis construções de discursos biográficos enquadram-se em sistemas complexos formados a partir de fragmentos e (re)interpretações de tempos e memórias.

Para Jesus Martín-Barbero, vivemos um “boom de memória”, causado pela crise na moderna experiência do tempo.¹ Citando Andréas Huyssen, Barbero identifica várias manifestações desse boom: crescimento e expansão dos museus, restauração dos velhos centros urbanos, auge do romance histórico, moda retrô na arquitetura e no vestuário, entusiasmo por comemorações, multiplicação de antiquários e um grande interesse pelas biografias e autobiografias.

O relato biográfico, na maioria das vezes, tenta ordenar os acontecimentos de uma vida de forma diacrônica, na ilusão de que eles formem uma narrativa autônoma e estável, ou seja, uma história com princípio, meio e fim, formando um conjunto coerente. É o que Pierre

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Jornalismo**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.

Bourdieu chama de ilusão biográfica, aquela que trata a história de uma vida como “o relato coerente de uma seqüência de acontecimentos com significado e direção.”²

Para Bourdieu, o biógrafo é cúmplice desta ilusão. Ele tenta satisfazer o leitor tradicional, que espera dele uma suposta verdade, uma suposta realidade. Mas o máximo que a biografia pode oferecer é uma reconstrução, um efeito de real. O biógrafo é o responsável pela criação artificial de sentido, já que tem interesse em aceitar a coerência da existência narrada, pois seu discurso baseia-se na preocupação de “tornar razoável, de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma consistência e uma constância, estabelecendo relações inteligíveis, como a do efeito à causa eficiente ou final.”³ Ao organizar a vida como uma estória linear, o biógrafo fornece uma razão de ser ao seu objeto e tranquiliza o seu leitor, que se identifica no passeio pela “estrada percorrida”.

Associar a vida a um caminho ou estrada facilita a compreensão, facilita a narração, facilita a venda. O sucesso das biografias no mercado editorial está certamente relacionado à opção da maioria dos autores em reconstruir o passado atribuindo significado aos fatos dispersos de uma vida, alocando-os em ordem cronológica. Estamos sendo seduzidos pela memória, diria Andréas Huyssen.⁴ Mas a sedução vive de um modelo epistemológico anacrônico e não contempla as transformações na experiência espacial e temporal da contemporaneidade.

Para começar, não há como pensar a memória sem pensar o esquecimento. Os termos não são antagônicos e não podem ser pensados em um defasado modelo dicotômico. Eles convivem e se relacionam em complexas teias de conexão e interfaces. No mundo dos megabytes, nunca foi tão fácil armazenar memória, entretanto, a amnésia nunca esteve tão presente. O excesso de informação convive com o esquecimento imediato. A cultura midiática produz objetos descartáveis que alimentam a própria amnésia: “a velocidade sempre crescente das inovações técnicas científicas e culturais gera quantidades cada vez maiores de produtos que já nascem obsoletos.”⁵ Mas, como alerta Huyssen, este não é um

¹ Barbero, p.1

² Bourdieu (1998), p. 185. Também utilizo a crítica de Bourdieu no artigo “Biografias em Fractais: múltiplas identidades em redes flexíveis e inesgotáveis”, apresentada no GT de Comunicação e Cultura da Compós, em 2003.

³ Idem

⁴ Huyssen (2000), p. 14.

⁵ Huyssen (2000)p.27



movimento unilateral, ou seja, não se pode argumentar que a “comercialização de memórias gere apenas esquecimento”⁶, como sugere a interpretação apocalíptica de Adorno. É preciso refletir sobre a amnésia pela a ótica da lembrança. E vice-versa.

No interior desse movimento duplo e paradoxal, manifesta-se o próprio medo da perda da memória, outra razão para a sua supervalorização na atualidade, embora não se possa dizer que este é um medo novo. A cada nova técnica de armazenamento descoberta há resistências. Foi assim com o alfabeto grego, com a imprensa de Gutemberg, o satélite, o computador, etc. Para Lúcia Santaella, o aparecimento de cada novo meio de produção e contenção de linguagem e de memória representa o deslocamento de alguma habilidade humana do nível individual para o coletivo e “nesse deslocamento, o homem transitoriamente perde uma parte de si, a imagem que tem de si e do mundo. Nessa imagem estão consubstanciados os valores humanos, que são tão relativos quanto a própria imagem. Se a imagem se fragmenta, os valores escorregam entre as fendas.”⁷

O “consumidor” da memória quer fechar essas fendas, quer comprar a estabilidade: “as narrativas biográficas e autobiográficas oferecem um enquadramento retrospectivo e prospectivo ao ordenarem a vida articulando memória e aspirações dos indivíduos, suas motivações e o significado de suas ações numa conjuntura própria de vida”, concluem Herschmann e Rondelli.⁸ Além disso, a memória na mídia é espetacularizada, carregada de imagens pré-concebidas, facilitando ainda mais a sedução.

Em minha dissertação de mestrado⁹, relato esse tipo de sedução. Ao analisar a possibilidade de uma utopia contemporânea, diferenciando-a das utopias socialistas da década de 60, identifico minhas próprias construções midiáticas produzidas a partir da leitura de biografias.

“Como todo adolescente, sempre estive ao lado dos oprimidos. Era ávido consumidor de livros marxistas. Li Engels, Lênin, Kautsky, Plekhânov e Florestan Fernandes antes de completar 14 anos. Não que eu entendesse as explicações teóricas, mas era levado a elas por outras leituras, e estas sim me emocionavam. Os livros do Gabeira, do Sirkis, do Marcelo Rubens Paiva, entre outros, falavam de dramas pessoais em meio ao drama maior da luta contra a repressão.”¹⁰

⁶ Huyssen (2000), p. 25

⁷ Santaella, p. 87.

⁸ Rondelli e Herschmann, p. 203.

⁹ Pena (1998)

¹⁰ Ibid, p. 20.

As leituras dessas estórias me faziam ter saudade de um tempo que eu não vivi. Elas me faziam querer participar da passeata dos cem mil, freqüentar o opinião, acompanhar Lamarca pelo sertão da Bahia e lutar com Marighela. Elas me faziam querer voltar para onde eu nunca tinha ido, daí o título “A volta dos que não foram”. Mas o que eu pude perceber é que tinha uma imagem midiaticizada do passado, produzida pela espetacularização da narrativa que consumi, já que, como diria Jameson, eu buscava a história através de “*minhas* próprias imagens pop e dos simulacros daquela história.”¹¹ Só que ela continuaria, para sempre, fora do meu alcance. Entretanto, não há como negar que a consciência de meus estereótipos não significa livrar-me deles, apenas me permite uma atitude crítica em relação a meu próprio trabalho e o respeito à diversidade e à complexidade, que são o tapete das reflexões presentes nestas páginas.

A atitude reflexiva sobre seus próprios estereótipos, simulacros e imagens pop é, então, uma necessidade para o biógrafo. Um trabalho que deve anteceder qualquer tentativa de construção de uma biografia. Como alerta Diana Damasceno, “escrever biografias em nossos dias requer consciência aguda do processo de re-interpretar o passado como forma particular de construção, sujeita a variados desdobramentos, levando em conta que vidas podem ser entendidas como sistemas complexos.”¹² Entretanto, quem acaba se ocupando das reflexões são os teóricos, não os biógrafos. Estes têm a atitude profissional do abridor de latas, que penetra nos arquivos e busca as salsichas da realidade. Quando, repito, o máximo que eles podem oferecer é um efeito de real.

A re-interpretação do passado, sugerida por Damasceno, passa impreterivelmente pela rediscussão dos conceitos de tempo e memória. Para Derrida¹³, essa reconceitualização significa abdicar da noção de linearidade temporal, e substituí-la por simultaneidade. No momento em que lembramos de algo, o que era passado torna-se narrativa e articula-se no presente, sendo portanto simultâneo a este presente. E o que seria futuro é apenas uma especulação, podendo ser articulado apenas no discurso, o que também o tornará presente.

¹¹ Jameson (1996), p. 52

¹² Damasceno, p. 97

¹³ Derrida (1998), p. 72

Nesse sentido, a memória só é memória no esquecimento ou no segredo, pois quando acionada também torna-se discurso. Pelo mesmo raciocínio, a memória não substitui o passado, apenas mostra que ele falta.¹⁴ Mas o biógrafo (ou o historiador) tradicional acha que vai preencher as lacunas. Ledo engano. A estória de qualquer coisa é apenas o que podemos saber sobre esta coisa, jamais a totalidade. A lacuna é onipresente. O passado não está pronto. Ele ainda está por fazer, e articula-se no presente, ou melhor, na presença, onde elaboramos a memória e a transformamos em discurso. Mais uma vez trabalhando no paradoxo, Derrida articula o conceito de presença com o de ausência, valorizando a escrita, que, quando legível e iterável, produzirá uma marca para ser repetida em qualquer contexto, sobrevivendo ao sujeito e não precisando mais de sua presença. A escrita funda outra presença e garante a repetição. Na interpretação de Adriana Amaral, a ausência em Derrida deixa de ser ausência justamente se pensada como a fundação de um outro tipo de presença:

“Essa capacidade de atravessar contextos da escritura é que a faz presença feita de ausência, onde a ausência na verdade se funde na presença em um presente que se faz a cada novo instante, a cada novo contexto. (...) A marca (da escrita) garantirá a repetição em qualquer contexto, visto que nenhum contexto se fecha mais sobre si mesmo e tampouco possui um centro absoluto. Ora, esse atravessar de contextos é próprio da escrita se comparada com a fala que deixa inclusive de ser uma oposição quando se pensa que ela também é feita de referência e não da coisa em si.”¹⁵

Para Derrida, então, há duas memórias: a interior, relativa ao ser, e a totalizadora, relativa à escritura. “A diferença é que a memória do ser se extingue e é absorvida por outras memórias. (...) O ser se apaga e a escrita se inscreve.”¹⁶ Entretanto, o modelo de Derrida também pode ser criticado por essa dicotomia. A escritura não é totalizadora, muito menos a narrativa. Pode-se argumentar que a forma privilegiada pelos historiadores é a narrativa, mas ela não é a única. É possível um experimento historiográfico que não se encaixe no modelo narrativo. Um experimento que lide com pequenas ficções e pequenas generalizações, juntando scripts, articulando fragmentos e colocando pequenos quadros lado a lado. Um experimento como o que faz Hans Gumbrecht, por exemplo, no livro *Em 1926, vivendo no limite do tempo*,¹⁷ que será abordado na final deste artigo.

¹⁴ Ibid, p. 70

¹⁵ Amaral, p. 34.

¹⁶ Ibid, p. 37

¹⁷ São Paulo, Ed. Record, 1999.

2. Tempos

Partindo da ausência para fundar outra presença, a escrita leva o significado sempre para a posteridade. Nesse sentido, rompe com a idéia de linearidade temporal, já que o instante original das formulações jamais seria atingido, pois ele não estaria no passado, mas na sua re-interpretação no presente. Prevalece a idéia de simultaneidade. Prevalece a presentificação do tempo.

O movimento é reciclável. O ser se apaga, mas, em seguida, inscreve-se de novo. A origem é sempre re-inaugurada, até porque cada momento é único e não pode ser resgatado em seu exato teor. E se a memória não resgata a exatidão, o momento já será outro no instante do resgate, que passa a ser a parte mais importante desse processo. Nenhum sentido pode ser considerado como previamente constituído. Nada está pronto, tudo está sendo feito. O que nos interessa é o percurso, não a origem ou a meta.

Entretanto, estar preso ao presente reforça o medo e a angústia. “O futuro é improvável demais e o presente muito complexo para nos darem acolhida. Exilado de si mesmo, o homem busca asilo no passado”.¹⁸ Um asilo nos *revivals*, nas retrospectivas, na nostalgia. Para Jean Baudrillard, uma obsessão em reviver, uma verdadeira neurose: “é a memorização fanática, uma fascinação pelas comemorações, a listagem de lugares da memória, a exaltação da herança.”¹⁹

A neurose obsessiva pelo passado, segundo Baudrillard, leva ao desaparecimento da própria memória, que, por sua vez, leva ao desaparecimento do real, reduzindo-o a um simulacro: “isso resulta em transformar o próprio passado num clone, e congelá-lo numa imitação falsa que jamais lhe fará justiça.”²⁰ Mais uma vez, cabe uma crítica ao modelo dicotômico, também usado por Baudrillard. Ao falar em uma imitação falsa, ele pressupõe que exista um original. Mas será possível, diante das múltiplas e complexas teias de significação da atualidade, fazer essa oposição dicotômica entre o real e o simulacro? Alheio a esta pergunta, Baudrillard acredita que a impossibilidade de ver além do presente nos condena

¹⁸ Santaella, p. 92

¹⁹ Baudrillard, p. 46

²⁰ Idem

a viver uma realidade virtual. Sua crítica abrange o que ele chama de “musealização” da memória, cujo efeito, longe de preservar o passado, apenas o esteriliza e congela: “em vez de primeiro existirem, as obras de arte hoje vão diretamente para o museu. Em vez de nascerem e morrerem, os seres já nascem como fósseis virtuais.”²¹ Ou seja, nascem no presente para serem alocadas em um passado presentificado, simultâneo.

A idéia de simultaneidade temporal também encontra eco em Norbert Elias:

“Em sua qualidade de simbolizações de períodos vividos, essas três expressões (passado, presente e futuro) representam não apenas uma sucessão, como ‘ano’ ou o par ‘causa-efeito’, mas também a presença simultânea dessas três dimensões do tempo na experiência humana”²²

Para Elias, vivemos a ilusão do tempo como objeto mensurável. O que me parece óbvio, na medida em que uma hora (ou qualquer outra referência temporal) não tem o mesmo sentido para indivíduos diferentes em momentos distintos, e deve ser avaliada relativamente. Para um presidiário, por exemplo, que espera, no corredor da morte, o momento de ser executado, a hora não passará na mesma velocidade que para um homem à espera da namorada no aeroporto. Tentamos medir o que não pode ser percebido pelos sentidos. E fazemos isso usando locuções que sugerem que o tempo é um objeto físico: “o vocabulário de que dispomos oferece ao sujeito expressões como determinar ou medir o tempo. Esses hábitos lingüísticos contribuem para distorcer a reflexão.”²³ A língua, socialmente padronizada, recorre ao que ele chama de “substantivos reificadores”, acompanhados de verbos que, metaforicamente, reforçam a idéia do tempo apenas como dimensão física. “Pensemos em frases como ‘o vento sopra’ ou ‘o rio corre’: afinal, seria o vento outra coisa senão a própria ação de soprar, ou rio outra coisa senão a água correndo?”²⁴

O tempo é regulado socialmente. Não comemos quando sentimos fome, mas na hora do almoço ou do jantar. Também não vamos dormir quando estamos cansados, mas no final do dia. Nossos ritmos biológicos são ordenados em função da organização social, que obriga os homens a se disciplinarem. E, a longo prazo, o calendário regula nossas relações sociais,

²¹ Idem

²² Elias, p. 63

²³ Ibid, p. 37.

²⁴ Idem

padronizadas em efemérides e datas comemorativas. Como o tempo não é visível, tangível ou mensurável, Elias sugere que a regulação social privilegia a sincronia e não a diacronia, encurralando o indivíduo na infinita repetição do presente.

Assim, encurralado em um presente de larga complexidade, o indivíduo atomiza-se diante da dificuldade de conceber uma experiência temporal coerente. Para Jameson, o resultado é uma fragmentação de suas referências, dominadas pela (i)lógica espacial:

“Se, de fato, o sujeito perdeu sua capacidade de entender de forma ativa suas pretensões e retenções em um complexo temporal e organizar seu passado e seu futuro como uma experiência coerente, fica difícil perceber como a produção cultural de tal sujeito poderia resultar em outra coisa que não um amontoado de fragmentos e uma prática da heterogeneidade a esmo do fragmentário, do aleatório.”²⁵

Jameson também trabalha na dicotomia, um modelo que não é a nossa matriz, mas cuja abordagem merece a nossa análise. Diferente do que estamos propondo, ele usa o termo aleatório com uma conotação negativa, pois talvez esteja preso a seu próprio dogmatismo intelectual. Sua tendência é procurar uma nova totalidade, propondo um mapeamento cognitivo em que o intelectual teria como missão situar o indivíduo no mundo através do fornecimento de um mapa crítico.

Entretanto, parece patente que este indivíduo está preso no agora, vivendo uma situação de inércia e o exílio da transitoriedade que não leva a lugar algum. Ele sobe e desce as escadas de edifícios memorialísticos, cujos degraus mudam a cada passada. Dirige um táxi de lembranças e as compartilha com os diferentes passageiros que recolhe em cada esquina. Mas continua só. Pisa na embreagem, passa a quinta marcha e acelera pelos círculos da metrópole. Vaga pelas ruas, mas não chega a lugar nenhum, porque nunca partiu.

A pior solidão é a solidão na multidão, característica do espaço urbano. O sujeito está exilado na própria (a)temporalidade, estático diante de um universo desenraizado, sem referências. Mesmo assim, a paralisia lhe parece normal, não causa surpresa. É a inércia diante da inércia. Os espaços são transitórios. Seu lar é um hotel. A superficialidade é seu enredo.

²⁵ Jameson, p. 52

Mas ele continua a viagem. Apesar de o espaço ser móvel, ele não se livra de estar encurralado. Preso na falta de objetivos e referenciais, segue em seu exílio. Diante da incapacidade de organizar diacronicamente o passado, ele se exaure na contemplação vazia, embora hipnótica, do presente. A falta desta articulação entre passado e presente (sem projeto de futuro) e a visão do tempo como momentos isolados desencadeiam a esquizofrenia como descrita por Frederic Jameson, retomando a noção de Lacan sobre a quebra na cadeia de significantes. Se não é possível organizar a sentença, também não será possível a experiência biográfica, perdida na superficialidade momentânea. E a desconstrução da oposição semiótica entre significante e significado será apenas um dos quatro modelos fundamentais de profundidade que, segundo Jameson, têm sido repudiados pela teoria contemporânea. Os outros três são:

“1) o dialético, da essência e da aparência, bem como toda a gama de conceitos correlatos de ideologia ou de falsa consciência; 2) o modelo freudiano do latente e do manifesto, ou da repressão. 3) o modelo existencialista da autenticidade e da inautenticidade, cuja temática heróica está ligada àquela outra grande oposição entre alienação e desalienação.”²⁶

A ausência de todos os modelos descritos acima interage na maneira esquizofrênica de perceber o mundo. A identidade está irreversivelmente comprometida na medida em que o sujeito é incapaz de estabelecer ligações entre os diversos momentos de sua história e também de estabelecer modelos de reconhecimento. A personalidade é dividida mediante o processo de fragmentação, com o conseqüente esmaecimento do afeto. Os sentimentos se diluem na quebra da cadeia de significantes e estão presos a uma superficialidade em que o referente histórico é inacessível. O que seria a realidade histórica se apresenta apenas como imagens nebulosas que não se referem a um passado, mas às nossas idéias e imagens espetacularizadas deste passado, novamente na interpretação de Jameson:

“Se sobrou algum tipo de realismo aqui, é o ‘realismo’ derivado do choque da percepção desse confinamento e da consciência gradual de que estamos condenados a buscar a história através de nossas próprias imagens *pop* e dos

²⁶ Jameson (1996), p. 40.

simulacros daquela história que continua para sempre fora do nosso alcance.”
27

Mas se o passado está fora de alcance, não pode ser totalizado, o que ficou foi a imagem, a distância, a névoa. E a reação perante esta ausência também é de inércia. A banalidade é patente. Até que, em certo instante da narrativa de suas lembranças, já presentificadas pela articulação do discurso, o indivíduo pisa no terreno escorregadio da nostalgia. Quer musealizar a memória e erguer estátuas e monumentos que possam pavimentar a estrada para um retorno. Só que o caminho de volta está fechado para sempre. Um sentimento de perda, registrado pela percepção da grande transformação que é a espacialização do temporal, “nos leva à nostalgia da nostalgia, das grandes questões do *télos* e da origem, do tempo profundo e do inconsciente freudiano e também da dialética(...), formas cujos absolutos não podemos mais ouvir, hieróglifos ilegíveis do demiúrgico no interior de um mundo tecnocrático”.²⁸

3. Fragmentos

As novas percepções de nossas zonas temporais e espaciais são experimentadas em movimento. No ensaio *1001 histórias de literatura*²⁹, Heidrun Kieger Olinto cita as experiências de Hans Gumbrecht nos saguões dos aeroportos, que são espaços de complexas temporalidades.

“Suponhamos que o nosso passageiro, chegando da Europa, tenha tomado o segundo café da manhã no avião e sente então vontade de almoçar. Esse seu apetite corresponderia a um tempo social que o seu corpo trouxe da Europa. No caso, ele estaria, por assim dizer, espacialmente presente no corpo do passageiro, mas em conflito com o tempo local dos empregados do restaurante do saguão que – tão cedo em sua manhã – só oferecem café e sanduíche de queijo.”³⁰

²⁷ Ibid, p. 52.

²⁸ Ibid, p.173.

²⁹ Olinto (2000)

³⁰ Ibid, p. 14, citando Gumbrecht .

Assim como na análise de Derrida, Heidrun Krieger Olinto também aborda a temporalidade em esboços conceituais relacionados à simultaneidade: “ele (o tempo) parece estar atravessado por movimentos cada vez mais velozes, numa pluralidade de tempos de presença simultânea.”³¹ No diálogo com Gumbrecht, a pá de cal na síntese e coerência da história linear e totalizante. É a estrutura sincrônica que prevalece, ligada a um modelo de redes que moldam condutas e interações, como no livro *1926, vivendo no limite do tempo*³², onde o leitor escolhe por onde começar, já que a narrativa não tem começo: o livro é dividido em 51 verbetes, distribuídos em três seções intituladas dispositivos, códigos e códigos em colapso.

Mas quem pode entrar em colapso é o leitor desavisado, acostumado à estrutura seqüencial de acontecimentos em ordem cronológica. Principalmente se essa estrutura confortável não estiver presente em uma das formas de resgate da memória mais utilizadas na atualidade: a biografia. Entretanto, assim como Gumbrecht utiliza-se da estrutura sincrônica para descrever um ano, a mesma estratégia pode ser utilizada para a construção de um discurso biográfico, compreendido como “processo de atribuição de sentido flexível, na medida em que a memória interpreta, explica e constrói os fatos”³³ Essa nos parece ser uma alternativa para contar as histórias possíveis de uma vida que certamente estará inscrita em sistemas complexos formados a partir de fragmentos e re-interpretações de tempos e memórias.

³¹ Ibid, p. 15

³² Gumbrecht (1999)

³³ Damasceno, p. 97



Bibliografia

- AMARAL, Adriana. “Sobre a memória em Jacques Derrida”. In: NASCIMENTO, Evando e GLENADEL, Paula. **Em torno de Jacques Derrida**. R.J. Sette Letras. 2000.
- BARBERO, Jesus-Martin. **Dislocaciones del tiempo y nuevas topografías de la memória**. R.J. Artelatina. 2000.
- BEAUDRILLARD, Jean. **A ilusão vital**. R.J. Civilização Brasileira. 2001.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Coleção estudos. S.P. Perspectiva. 1974.
- _____. “A ilusão biográfica”. In: Ferreira, M e Amado, J. **Usos e abusos da história oral**. R.J. Ed. FGV. 1998
- BRAUDEL, Fernand. “História e ciências sociais. A longa duração.” In: _____. **Escritos sobre história**. S.P. Cultix. 1976.
- DAMASCENO, Diana. **Entre múltiplos eus: os espaços da complexidade**. Tese de doutorado em Letras. PUC-Rio. 1999.
- DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. S.P. Perspectiva. 1995.
- _____. **Mémoires. Pour Paul de Man**. Paris. Galilée. 1998.
- ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. R.J. Zahar. 1998.
- FILIZOLA, Anamaria e RONDELI, Elizabeth. “Equilíbrio distante: fascínio pelo biográfico, descuido da crítica.” In: **Lugar comum**. Vol. 1. N. 2. pp. 209-225.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Em 1926: vivendo no limite do tempo**. R.J. Record. 1999.
- HUYSSSEN, Andreas. **Memórias do Modernismo**. R.J. Ed. da UFRJ. 1997.
- _____. **Seduzidos pela memória**. R.J. Aeroplano. 2000.
- JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo - a lógica cultural do capitalismo tardio**. S.P. Ática. 1996.
- OLINTO, Heidrun Krieger. “Letras na página. Palavras no mundo. Novos acentos sobre estudos de literatura.” In: **Palavra**. R.J. Departamento de Letras da PUC-Rio. Nº1. 1993.
- _____. **1001 histórias (DE LITERATURA)**. R.J. mimeo. 2000.
- PENA, Felipe. **A volta dos que não foram**. R.J. Sette Letras. 1998.
- _____. **Televisão e Sociedade**. R.J. Sette Letras. 2002.
- _____. **Biografias em fractais: múltiplas identidades em redes flexíveis e inesgotáveis**. CD-Rom da Compós. 2003.
- RONDELLI, Elizabeth e HERSCHMANN, Micael. “A mídia e a construção do biográfico.” In: **Revista tempo Social**. S.P. N.1 Vol. 12. 2000.
- SANTAELLA, Lúcia. **Cultura das mídias**. S.P. Experimento. 2000.